

Africanos sugerem firmeza com a Fifa

Pequenos empresários da África do Sul dizem ter perdido boas chances pelo fato de o país não ter “negociado duro”

Evandro Fadel / CURITIBA

O gerente da Small Enterprise Development Agency (Seda), equivalente ao Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae) na África do Sul, Wayne Oosthuizen, alertou ontem, em Curitiba, que o Brasil precisa ser “firme” nas negociações com a Fifa para não perder oportunidades favoráveis a empreendedores na Copa de 2014.

“Se puderem, devem ser mais firmes e negociar duro com a Fifa”, aconselhou Oosthuizen.

“A África do Sul falhou nesse sentido.” Em reunião com o presidente do Sebrae, Luiz Barreto, e comitês técnico e diretivo do órgão, o dirigente sul-africano mostrou-se revoltado sobretudo com algumas imposições que tornaram difícil a participação de pequenas empresas. “Os mascotes foram feitos na China, quando poderiam ter sido feitos na África do Sul”, exemplificou.

Mudança nas leis. Em entrevista, Oosthuizen criticou ainda o fato de a entidade esportiva, como faz normalmente em períodos de Copa, ter mudado algumas leis do país. Entre elas, a de isenção de impostos corporativos e a lei de propriedade intelectual. “As mudanças ditaram como *(o país africano)* iria operar naquele período”, disse.



Lucro? Dirigentes dizem que ganho no país foi “intangível” e que a Fifa faturou muito mais

NEGÓCIOS

ZAIRA JACKSON
Empresária sul-africana

“A marca Fifa bloqueou muito as pequenas empresas da África do Sul”

Segundo ele, os pequenos empresários ainda conseguiram algo porque o governo tomou uma posição firme determinando que, antes de assinar qualquer contrato, teria que ficar estabelecido que 30% dos fornecedores seriam pequenos.

Mas, para o dirigente, os royal-

ties pagos à marca Fifa ainda são uma questão a ser discutida. “É uma batalha que não termina nunca contra a Fifa”, ressaltou. “A marca Fifa bloqueou muito as pequenas empresas”, lamentou Zaira Jackson, também da Seda.

Para reforçar seu ponto de vista, Oosthuizen apresentou os números, segundo os quais os custos da organização da última Copa do Mundo para a Fifa foram de US\$ 1,2 bilhão, enquanto os lucros chegaram a 3,7 bilhões. “Qual a companhia tem esse lucro? Não é razoável”, disse. “Mas pode dar ao Brasil a oportunidade de uma melhor negociação.”

O gerente da Seda sul-africana afirmou que os ganhos do evento para o país foram mais “intangíveis”, particularmente na área de marketing e turismo. “Monetariamente, a Fifa ganhou mais”,

afirmou. “Mas, de qualquer modo, a Copa foi brilhante, pois toda a infraestrutura colocada custaria muito mais e levaria mais tempo se não fosse por ela.” Entre os benefícios estão o trem-bala e as melhorias em aeroportos.

Elefante branco. Apesar dos avanços, há ainda questões a serem resolvidas, como o destino do African Renaissance Stadium, da Cidade do Cabo. Com capacidade para 69 mil espectadores, o estádio foi inaugurado em dezembro de 2009 e, sem patrocínio, tem custo elevado de manutenção em uma cidade em que o futebol não é esporte popular. O segmento do rúgbi, o esporte nacional, também não demonstrou interesse em utilizá-lo. De acordo com Zaira Jackson, alguns setores defendem a demolição.